

**Resenha do livro: CARDOSO, Fernando Henrique.
Crise e reinvenção da política no Brasil. 1 ed. São Paulo:
Companhia das Letras, 2018.**

José Renato Ferraz da Silveira*

Resumo: O livro “colaborativo” entre Fernando Henrique Cardoso, Miguel Darcy de Oliveira e Sérgio Fausto e sugerido pela Companhia das Letras (através do seu fundador, Luiz Schwarcz) intitulado *Crise e reinvenção da política no Brasil* é uma obra ímpar sobre a história do Brasil na Nova República, principalmente, na atual crise político-moral em que o Brasil vive. De fato, é um ensaio, uma mensagem política que envolve os processos de caráter estrutural que atingem não só a política, mas também a economia, a sociedade e a cultura brasileira. Além da conjuntura política brasileira com suas especificidades: a queda de Dilma, corrupção, Lava Jato, enfraquecimento do PT, reacionarismo da direita, o papel do Brasil no mundo e as novas possibilidades que se descortinam nas eleições de 2018.

Palavras-chave: Crise. Política. História. Brasil. 2018.

Crisis and reinvention of politics in Brazil

Abstract: The "collaborative" book among Fernando Henrique Cardoso, Miguel Darcy de Oliveira and Sérgio Fausto which was suggested by Companhia das Letras (through its founder, Luiz Schwarcz) entitled *Crisis and reinvention of politics in Brazil* is a unique work about the history of Brazil in the New Republic, mainly, in the current political-moral crisis in which Brazil lives. In fact, it is an essay, a political message involving the structural processes that affect not only politics, but also the Brazilian economy, society and culture. Besides the Brazilian political conjuncture with its specificities: the fall of Dilma, corruption, Car Wash (Lava Jato), the weakening of the PT, the reactionary right, the role of Brazil in the world, and the new possibilities that are unveiled in the 2018 elections.

Key-words: Crisis. Politics. History. Brazil. 2018.

1 Sobre a obra

Neste livro de intervenção e de mensagem política, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em colaboração com Miguel Darcy Oliveira e Sérgio Fausto perfazem o momento em que o Brasil enfrenta de acordo com os autores (2018): a pior crise política, econômica e moral das últimas décadas, o Brasil se encontra numa encruzilhada histórica repleta de oportunidades.

Numa linguagem acessível e num texto rico de observações críticas e lúcidas, Fernando Henrique Cardoso é incisivo na crítica aos partidos políticos, ao presidencialismo de cooptação (traço do nosso presidencialismo), aos escândalos de corrupção que

* Professor Associado II do Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Líder do Grupo de Teoria, Arte e Política (GTAP)
Membro do Núcleo de Arte, Mídia e Política (NEAMP)
Editor-chefe da Revista Interação (ISSN 2357-7975)

Resenha do livro: CARDOSO, Fernando Henrique. Crise e reinvenção da política no Brasil. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. José Renato Ferraz da Silveira

envolveram o Partido dos Trabalhadores e a maioria dos partidos, à legislação eleitoral, à dificuldade de promover mudanças institucionais no Brasil (devido à extensão e ao abuso de detalhes na lei maior do país).

Em diversos momentos, Fernando Henrique Cardoso admite que certas práticas políticas, tais como, politicagem, nepotismo, fisiologismo, paternalismo, clientelismo e outras fazem retratar a cultura política do país. Apesar de tudo isso, Cardoso acredita que os “ativos do Brasil” podem compensar essas debilidades do jogo político brasileiro.

Cardoso pressupõe que somente uma “ação pública efetiva, sem partidanismos nem sectarismos, com fé em nosso futuro comum” (CARDOSO, 2018, p. 18) é capaz de tirar o Brasil da letargia em que o novo não nasce e nem o velho morre. “E perseverar, com convicção e esperança, na luta pela liberdade, pela igualdade e pela dignidade humana” (CARDOSO, 2018, p. 18).

O livro é um grito de alerta contra as noções ultrapassadas da velha esquerda e do chauvinismo da nova direita. Parece que Fernando Henrique Cardoso suspeitava – com razão - do que ocorreria nas eleições de 2018.

2 Por dentro da obra

O livro *Crise e reinvenção da política no Brasil* estrutura-se no **prefácio (7-18)** que explica a origem (motivação) da obra, a forma como foi escrita (série de entrevistas, refinamento na linguagem, observações críticas, adendos, revisões), o modo como os demais autores tornaram a obra colaborativa (contribuições, modificações, correções e agregações de textos), uma breve reflexão dos motivos e as formas das crises nas democracias representativas, em nosso caso, a desmoralização das instituições, dos partidos e de seus líderes se deve principalmente à corrupção que se generalizou e se tornou sistêmica.

No primeiro capítulo intitulado “Ponto de partida: uma crise política e moral” (19-46), “o texto discorre sobre a conjuntura e aponta para algumas raízes históricas da crise. Fala da insatisfação da sociedade e da resiliência das instituições” (CARDOSO, 2018, p. 13).

De acordo com Cardoso (2018, p.9): “nossa conjuntura se tornou mais sombria com o desvendamento da corrupção como fonte de poder”.

A crise que estamos vivendo é a crise de uma matriz cultural que vem de longe: o público a serviço do privado. A força dessa matriz é tanta que o PT e a maioria dos partidos, que nasceram contra isso, foram absorvidos pela cultura corporativa, clientelista, alimentadora da corrupção. E cobriram-na com o véu do interesse nacional e popular. O peso dessa herança cultural explica uma frase minha que foi mal compreendida.

ISSN 2596-1314

CAMPOS NEUTRAIS		Rio Grande	v. 3, n. 1	p. 179-185	Jan-Abril 2021
REVISTA LATINO-AMERICANA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS					

Quando eu estava no governo, dizia que brigávamos para subordinar o atraso no Congresso a nossos propósitos modernizadores. O “atraso” são os valores e as práticas do clientelismo, do corporativismo e do patrimonialismo no Brasil, que vêm de longe e que se reinventaram à medida que o país foi se industrializando, se urbanizando, criando um Estado e uma sociedade mais complexos. Esses valores e práticas estão enraizados, são resilientes e têm forte expressão no Congresso (CARDOSO, 2018, p. 35).

No segundo capítulo chamado de “Matriz política e cultural da crise” (47-72), Fernando Henrique Cardoso (e seus revisores) tratam sobre o estilo do presidencialismo brasileiro. A degeneração do “presidencialismo de coalização” num “presidencialismo de cooptação”.

Dada a força do Congresso, a pluralidade partidária e certos dispositivos de nossa legislação eleitoral, o Executivo forma alianças políticas para governar, juntando partidos ideologicamente distintos, embora na situação brasileira muitos deles funcionem mais como agregados de pessoas com alguns interesses comuns do que como organizações marcadas ideologicamente (CARDOSO, 2018, p. 14).

Fernando Henrique Cardoso chama atenção da sua base governista durante a sua presidência. “Fiz acordo com os grandes partidos. Além do PFL e do PTB, eu trouxe o PMDB e depois o PP. Formou-se uma base de sustentação ancorada em cinco partidos” (CARDOSO, 2018, p. 60). Cardoso ressalta que nas gestões de Lula e Dilma, “o incentivo à criação de novos partidos tornou-se ainda maior à medida que Lula e depois Dilma passaram a compor alianças eleitorais cada vez mais amplas (...)” (CARDOSO, 2018, p. 62). Cardoso encerra esse capítulo discutindo sobre o orçamento público, principalmente sobre as dificuldades e os desafios de proteger “certas áreas que correspondem aos interesses mais gerais da sociedade e que não contam com lobbies organizados para defendê-las” (CARDOSO, 2018, p. 72).

O orçamento público é o principal campo de jogo da disputa democrática. Verdade e transparência orçamentárias são ingredientes indispensáveis de uma democracia de qualidade. Melhoraram a capacidade de controle da sociedade sobre os governos e melhoram a qualidade da representação política. Numa sociedade desigual como a brasileira, verdade e transparência orçamentária fortalecerão o compromisso político em favor das maiorias que mais necessitam do gasto público. Em alguns casos, trata-se de melhor, mais eficiente gasto público. Em outros, como na saúde,

trata-se, sim, de maior gasto público – e mais eficiente também (CARDOSO, 2018, p. 72).

No terceiro capítulo “Crise e aprofundamento da democracia” (73-85), Cardoso destaca que as tecnologias de comunicação são instrumentos que trazem inovadoras mudanças, embora nem sempre positivas. Isso gera um novo pacto relativo à democracia representativa, entre governos e governados. E exige (CARDOSO, 2018, p. 14): “abrir brechas no sistema partidário para que renovem suas práticas, seus quadros, suas formas de seleção de candidatos, sua capacidade de ouvir a multiplicidade de vozes da rua” (...).

Estou convencido de que o aprofundamento da democracia passa pela reconstrução dos laços de confiança entre a população e o poder. Para isso é preciso ampliar o olhar para além do que ocorre no plano das instituições políticas e mirar as transformações em curso na sociedade. Em tempos de incerteza e descrença, é mais importante que nunca insistir nos grandes temas e valores que são o fundamento, a alma da democracia: liberdade, igualdade e dignidade. No entanto, em países como o nosso, a liberdade não basta: há que insistir na igualdade (nas políticas sociais, em reformas que combatam os privilégios corporativos) e, principalmente, na dignidade, no respeito à pessoa e à ética. O “Basta de corrupção!” não é uma palavra de ordem udenista. É requisito para uma sociedade melhor e mais decente. Em momentos de transição, a palavra conta: só ela junta fragmentos, até que as instituições e suas bases sociais se recomponham (CARDOSO, 2018, p. 85).

No capítulo quarto, “Os ativos do Brasil” (86-117), Cardoso salienta que em nossa tradição os problemas só se resolvam quando chegam ao ponto de saturação. “O capítulo começa a apontar os desafios a serem enfrentados. Alguns derivam de erros do passado, outros de interrogantes do futuro” (CARDOSO, 2018, p. 15). Os autores enfatizam que somente uma mentalidade nova pode reverter certas tradições e promover urgentes mudanças.

O dinamismo de uma sociedade aberta e conectada como a do Brasil contemporâneo reclama uma postura mais eficiente e menos arrogante do Estado. Em sistemas complexos, a ordem não se impõe de cima para baixo, vinda de um centro de comando e controle. Não há mais uma única narrativa guiando a ação de todos os atores. A mudança é um processo constante, que ocorre simultaneamente em múltiplos pontos. Vidas pioneiras, experiências inovadoras geram uma massa crítica de ideias e mensagens que é ampliada e retransmitida por comunicadores para todo o sistema (CARDOSO, 2018, p. 102).

No capítulo quinto, “O velho e o novo” (118-144), Cardoso retoma a distinção entre Estado e mercado. Também desenvolve a noção de bem comum, aos que os norte-

americanos chamam de *common ground*: “o terreno, público ou privado, no qual o interesse das pessoas se encontra e em nome do qual um país cria um destino nacional” (CARDOSO, 2018, p. 16). Fernando Henrique Cardoso afirma que o quinto capítulo não é teórico, ele discute concretamente temas como o das privatizações e as atitudes dos partidos.

(...) os inimigos da mudança, os adversários da contemporaneidade: de um lado o estatal-corporativismo, de outro o fundamentalismo de mercado. Ambos incompatíveis com o mundo contemporâneo. O fundamentalismo reduz o bem comum ao mercado e concebe a sociedade como um ajuntamento de indivíduos cujo objetivo é maximizar sua capacidade de acumulação e consumo. Já a esquerda antiquada abraça um estatismo que a isola das vibrações da sociedade contemporânea e a torna aliada das corporações (CARDOSO, 2018, p. 16).

Cardoso finaliza o capítulo tratando sobre a agenda Brasil. A premente necessidade de certa ideia de Brasil. Os requisitos do “novo”, “o caminho já percorrido e as dificuldades a ser enfrentadas” (CARDOSO, 2018, p. 16).

No capítulo sexto “Política, liderança e mensagem” (145-174), Cardoso retoma temas já tratados e desenvolvidos e infere a questão essencial para a eficácia das ideias na política: o surgimento de lideranças.

No capítulo sexto, insistimos na importância da renovação das instituições, processo que requer uma nova agenda e, sobretudo, que a comunicação política seja portadora de mensagens para “reencantar” a vida pública. Dada as características das sociedades atuais, é preciso que os líderes dirijam-se às pessoas e não vagamente a “coletivos”. É preciso construir o bem comum nas condições concretas em que vivemos, ou seja, refazer uma visão de futuro, um projeto de país (CARDOSO, 2018, p. 17).

No sétimo capítulo, “O lugar do Brasil no mundo” (175- 202), Cardoso pondera sobre as nossas possibilidades, diante de nossos ativos (política externa) e os desafios a enfrentar nas condições atuais do mundo. “É tempo de corrigir nossas deficiências, para continuarmos a sonhar com mais participação nas mesas dos grandes, E, mais do que isso, para influir com realismo na ordem internacional” (CARDOSO, 2018, p. 202).

No último capítulo (oitavo), “Uma certa ideia do Brasil” (203-238), é um capítulo que revisa diversas temáticas tratadas ao longo da obra sob a forma de conclusões. Cardoso avalia que essas “conclusões estão em aberto”, “uma vez que os desafios históricos se recolocam quando mudam as condições gerais do planeta, embora certos objetivos e valores

Resenha do livro: CARDOSO, Fernando Henrique. Crise e reinvenção da política no Brasil. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. José Renato Ferraz da Silveira

nacionais tenham permanência maior” (CARDOSO, 2018, p. 18). Parece que FHC pressagia um cenário perturbador, a partir das eleições de 2018, caso não apareçam lideranças políticas, sociais e culturais que se afirme em relação à “direita autoritária e retrógrada quanto à volta de utopias regressivas como prega boa parte das esquerdas” (CARDOSO, 2018, p. 238).

FHC insiste que a solução da crise passa pela formação de um novo bloco de poder que “tenha força suficiente para reconstruir o Estado brasileiro” (CARDOSO, 2018, P. 238).

O desfecho da obra revela o temor diante de um líder populista inepto ou que governe para si e seus próximos:

Não há nada mais urgente a se fazer, quando se olha para as eleições de 2018 e para além delas. Se não tivermos êxito na construção dessa alternativa, corremos o risco de levar ao poder quem dele não sabe fazer o uso ou o faz para proveito próprio. E nos arriscamos a perder as oportunidades que a história está abrindo para termos um rumo definido (CARDOSO, 2018, p. 238).

Sem dúvida, a obra “colaborativa” de Fernando Henrique Cardoso é um excelente guia histórico-político para compreender a tragédia política dos tempos sombrios e nebulosos que vivemos.

3 Sobre o autor

O livro, embora tenha o nome de Fernando Henrique Cardoso, é o resultado de uma “intensa troca de opiniões, correções e agregações de textos feita por três pessoas: Miguel Darcy de Oliveira, Sergio Fausto e eu próprio” (CARDOSO, 2018, p. 7). Ou seja, é um livro colaborativo. Sobre os autores:

Fernando Henrique Cardoso é sociólogo formado pela Universidade de São Paulo, foi professor catedrático de ciência política e é hoje professor emérito da USP. Lecionou também nas Universidades de Santiago, Stanford, Berkeley, Cambridge, Paris Nanterre e Collège de France. Foi senador pelo estado de São Paulo e, entre 1992 e 1994, ministro das Relações Exteriores e da Fazenda. Foi presidente do Brasil entre 1995 e 2002. É presidente de honra do PSDB, partido que ajudou a fundar.

Miguel Darcy de Oliveira é diplomata. Desde 2003 é assessor internacional de Fernando Henrique Cardoso.

Sérgio Fausto é superintendente da Fundação Fernando Henrique Cardoso e codiretor do projeto Plataforma Democrática.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

ISSN 2596-1314

CAMPOS NEUTRAIS REVISTA LATINO-AMERICANA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS	Rio Grande	v. 3, n. 1	p. 179-185	Jan-Abril 2021
---	------------	------------	------------	----------------